



O homem que não conhecia Monteiro Lobato

e outras histórias

TEXTO JACIRA SILVEIRA
FOTOS FLAVIO DUTRA

Ser o dono da bola dava a Ramon certos privilégios. Um deles era o de determinar que o jogo só começasse após ele contar uma das histórias de seu livro de autores latinos. Essa condição, muito antes de soar antipática, a Roberto sempre serviu de estímulo à sua curiosidade por aprender coisas novas. Ele havia sido acolhido pela família de Ramon quando, junto com os irmãos e a mãe, chegou fugido do Brasil, no final dos anos 1960. A viagem levara horas até a cidade argentina de San Antonio, na Província de Misiones, divisa com o estado do Paraná, onde Roberto nascera e do qual partiram no meio da noite. “Conheci toda a América do Sul com aquele livro”, conta Roberto, que na época tinha menos de dez anos. Tudo ia bem até o momento em que ele foi convidado pelo

dono da bola para falar alguma coisa sobre Monteiro Lobato, autor brasileiro que escrevera a história que ele escolhera pra ler naquele dia. “Foi a primeira vergonha que eu passei. Eu não podia falar nada sobre Monteiro Lobato, nem sabia quem era.” Por outro lado, a partir daquele episódio, Roberto passou a ler tudo o que lhe passasse pela frente.

Quando voltaram para o Brasil depois de dois anos e oito meses, foram morar num lugarejo no interior do Paraná, em Pranchita. A vontade de ler o acompanhava, mas os poucos recursos da família não permitiam que comprasse livros. Ele e um amigo, Romário, costumavam passar horas diante da vitrine de uma livraria no centrinho da cidade, apreciando as capas de gibis e livros de literatura. Receosos

que os mandassem sair dali porque poderiam estar sujando o vidro que era cuidadosamente esfregado por uma senhorinha, eles mantinham as mãos para trás. Até que certa manhã o dono da livraria, um italiano magro e alto, saiu e perguntou aos meninos o que eles queriam. A primeira reação foi sair correndo. Três dias depois, eles voltaram, e o proprietário do estabelecimento refez a pergunta. Então os garotos comentaram a respeito de um gibi que há seis meses estivera exposto na vitrine. Gentilmente foram convidados a entrar para ler o que quisessem – hábito que mantiveram ao longo de quatro anos. “Ele nunca nos pediu nada em troca”, lembra. Antes que abrissem o primeiro gibi, no entanto, receberam instruções minuciosas de como folhear sem deixar

dobras ou marcas nas páginas; tudo deveria ficar como novo, pronto para a venda.

Hoje Roberto Sampaio tem pouco mais de 56 anos, é conselheiro tutelar em Taquara, no interior do Rio Grande do Sul, e pintor de parede por ofício, como gosta de dizer. Aos 32 anos começou a ficar decepcionado consigo mesmo por ainda não ter conseguido cumprir o sonho que acalentava desde os 12 anos de idade: montar uma biblioteca aberta ao público quando tivesse um acervo de quatro mil livros. Depois de anos guardando em todas as peças da casa os títulos que conseguiu por meio de doações, no dia 28 de setembro de 1988 ele pendurou na fachada de sua casa: Biblioteca Amigos do Livro. Eram 10h da noite, e Roberto estava realizado.



No Trensurb, passageiro aproveita o tempo da viagem para ler o autor uruguaio Mario Benedetti. Cerca de 180 mil pessoas circulam diariamente pelos trens, o que motivou a criação da Biblioteca Livros sobre Trilhos

O dado é preocupante: 65% da população brasileira nunca frequentou uma biblioteca. Para a professora do curso de Biblioteconomia da UFRGS Eliana da Silva Moro, isso evidencia um problema ainda mais grave: “Somos um país em que 90% da população é considerada analfabeta funcional – que não entende textos simples”, argumenta. Certa vez, realizando uma atividade com uma de suas turmas, o resultado deixou seus alunos perplexos e, ao mesmo tempo, encorajados em se empenhar para trabalhar em prol de um dos principais objetivos do curso: incentivar a leitura. Por semanas eles vinham abastecendo de livros e revistas um expositor colocado junto a uma parada de ônibus das proximidades da Universidade. Interessados em conhecer um pouco o perfil das pessoas que estavam retirando as obras, alguns dos estudantes decidiram seguir um senhor que havia pegado uma das revistas. Quando abordado pelos jovens, surpreendeu-se e sua reação imediata foi devolver a publicação, envergonhado: “Não estava roubando”, defendeu-se. Depois que os estudantes o tranquilizaram, ele acabou revelando que não sabia ler, mas que gostava de ficar olhando as figuras, viajando naquelas paisagens. Eliana também coordena o projeto de extensão da UFRGS Tesouros de Leitura, de contação de histórias para crianças em vulnerabilidade social. Na opinião da professora, o livro ainda é um objeto distante das pessoas, por isso as bibliotecas deveriam ser grandes espaços de “aconchego e bem-estar”.

No trem – Jociara Hister é uma garota de uns 20 anos de idade. Ela mora em Sapucaia e trabalha no centro de Porto Alegre. Faz pouco mais de dois anos se cadastrou na Biblioteca Livros sobre Trilhos, localizada na estação Mercado Público do Trensurb. Quando quer fazer um novo empréstimo ou devolver algum livro, costuma chegar entre 11h e 11h30min, antes de começar a trabalhar em uma das lojas de uma grande rede do setor de vestuário. Entre suas preferências estão os romances espíritas e os de terror. Ela conta que, quando gosta muito de uma obra, empresta para os amigos depois de lhes fazer propaganda da história. No final da tarde, quando volta para casa, costuma ler no trem durante uma viagem de uns 40 minutos. Atualmente ela acredita que caminharia até a Biblioteca Pública do Estado, bem distante de onde embarca no trem, para retirar livros, se não existisse a biblioteca do Trensurb. “Gosto muito de ler”, argumenta, hábito que desenvolveu depois que começou a frequentar a Livros sobre Trilhos.

Circulam diariamente pelas estações de trem de Porto Alegre 180 mil pessoas. Esse dado, conforme a avaliação de Jânio Ayres, gerente de Comunicação da Trensurb, dá a dimensão da importância de haver uma biblioteca de uso público nesse espaço. Ela funciona das 11h às 19h, sem fechar na hora do almoço. O leitor pode ficar com o livro durante dez dias, prorrogáveis por outros dez; basta telefonar para solicitar a renovação. A devolução pode ser feita a qualquer hora em uma caixa coletora junto à entrada da biblioteca. Inaugurada em 2008, hoje ela

conta com um acervo de mais de sete mil obras e um cadastro de 5.500 usuários. Para retirar livros é simples: basta apresentar o CPF, o RG e um comprovante de residência.

Jociara diz que não costuma ver outras pessoas lendo no trem, mas isso possivelmente ocorre porque fica absorva em sua leitura durante a viagem. Quando a equipe de reportagem do JU embarcou na estação Mercado Público e seguiu em direção a São Leopoldo, onde haveria uma contação de histórias para crianças de escolas públicas, promovida pela companhia e a ser realizada em uma de suas plataformas, contabilizou mais de dez pessoas de cabeças baixas e concentradas, lendo. Havia até um rapaz (foto) que não se limitou à falta de assento para, de pé mesmo, entregar-se à leitura, enquanto o trem avançava pelos trilhos, num balanço suave e cadenciado, movimento interrompido somente quando chegava a uma nova estação.

As leituras são variadas entre os passageiros: manual de química, literatura fantástica, ficção científica, textos bíblicos. Folheando as últimas páginas de uma pequena publicação de capa dura, Carlos lê Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX. Aos 80 anos, ele segue em sua rotina diária que inicia às 7h quando embarca em Porto Alegre, onde mora com a família, em direção a São Leopoldo para bater o ponto às 8h. Diz não ter o hábito de frequentar bibliotecas, mas desenvolveu, junto com alguns familiares, um sistema de empréstimo de livros. Para participar do grupo, tem que fazer circular entre os demais uma lista com os títulos dos livros de seu acervo pessoal. O senhor esbelto e de cabelos grisalhos comenta que geralmente lê enquanto viaja no trem e que a única coisa que o perturba um pouco é a voz no alto-falante anunciando as estações. Ao final da breve entrevista, ele comenta que eu também posso entrar no rodízio de livros de sua família: “É só nos passar a sua lista”. Agradeço a gentileza.

Bibliotecas públicas — Muitos dos turistas que chegam a Porto Alegre fazem questão de incluir em seus roteiros uma visita ao prédio histórico da Biblioteca Pública do Estado (BPE), no centro histórico da capital. Entretanto, Morgana Marcon, diretora do órgão ligado à Secretaria de Cultura, reclama que, por mais programas e eventos que a biblioteca ofereça à comunidade, ainda existem vizinhos que desconhecem sua existência. Com um acervo de 240 mil obras – das quais 50 mil são para empréstimo –, a BPE conta com um cadastro de oito mil frequentadores. De acordo com a diretora, esses usuários, em sua maioria, têm acima de 40 anos; são donas de casa, estudantes de pós-graduação, idosos e aposentados. Depois dos livros espíritos e de autoajuda, as obras mais procuradas são os romances americanos, como os de Barbara Delinsky, Nora Roberts, Nicholas Sparks e Sidney Sheldon. “Por aí dá pra perceber a faixa etária que mais utiliza o setor”, graceja. Circula bastante também a literatura inglesa de Jane Austen, Agatha Christie e Mary Shelley. Ainda, há uma grande procura por literatura gaúcha: Martha Medeiros, Luis Fernando Verissimo, Luiz Antonio de Assis Brasil, Josué

Guimarães e Moacyr Scliar.

Ao comentar o alto percentual de brasileiros que nunca entraram em uma biblioteca, Morgana avalia que essa situação preocupante tem a ver com a falta de exemplo em casa, e também por serem poucas as escolas que desenvolvam um trabalho prazeroso de incentivo à leitura. Há 26 anos trabalhando como servidora do estado, ela também responde pela coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, que congrega 536 instituições, sendo que 40 desse total são comunitárias. Nessa função, cabe a ela manter contato com toda a rede e discutir as políticas ligadas ao setor. Nesse sentido, a coordenadora destaca a importância de haver bibliotecários formados nesses encontros: “Fica mais fácil a comunicação para repassar informações mais específicas ou mesmo encaminhar projetos”.

Carência profissional — Pela legislação 4062/1966, que regulamenta o profissional de biblioteconomia, deve haver para cada biblioteca um bibliotecário na supervisão. O não cumprimento dessa normativa, segundo o presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-10), Alexander Borges Ribeiro, é consequência, muitas vezes, do desconhecimento dos gestores, que acabam transformando as vagas desses profissionais em Cargos de Confiança, os CCs. Por outro lado, ele esclarece que, conforme o tamanho da biblioteca, não há a necessidade de haver a presença de um bibliotecário de forma permanente, mas que dedique tempo suficiente para acompanhar o trabalho de auxiliares ou técnicos em biblioteconomia. Conforme o cadastro do Conselho, existem hoje no estado 1.172 profissionais registrados.

De acordo com Morgana, são nove bibliotecários lotados na Secretaria Estadual da Cultura, todos em Porto Alegre. No interior, cabe aos municípios manter os seus quadros. Como revela o censo de bibliotecas públicas realizado em 2014 pela Fundação Getúlio Vargas, encomendado pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, 86% dos municípios gaúchos tinha pelo menos uma biblioteca pública, 4% não possuíam nenhuma, e 9% estavam implantado. “Temos 81 bibliotecários atuando em instituições públicas municipais, ou seja, são mais de 400 bibliotecas sem atendimento”, informa Alexander. Na avaliação do dirigente, a precoce emancipação de municípios, oriundos de comunidades muito pequenas, resulta em baixas arrecadações, o que acaba não tornando atrativos os concursos com baixos salários.

Nas escolas – Segundo Maria do Carmo Misseti, coordenadora do Sistema Estadual das Bibliotecas Escolares (Sebe) do Rio Grande do Sul, os últimos concursos para bibliotecários no estado ocorreram em 1991 e em 1996. No primeiro, as vagas eram para a Secretaria da Cultura, e no segundo, para a Secretaria de Educação. Somando os concursados de ambas as pastas, existem hoje no Rio Grande do Sul 29 bibliotecários para atender a mais de duas mil bibliotecas: cerca de 90% das bibliotecas escolares do estado são atendidas por professores e não por profissionais; apenas 20 bibliotecários atuam na rede escolar estadual. Para contornar

a situação, o Sebe promove ações de capacitação para esses professores, e desde 2014 distribuiu um manual que traz legislação, orientações e propostas de projetos.

Uma das soluções para dar conta desse descompasso – demanda e profissional habilitado –, na opinião da coordenadora, seria a formação de técnicos em biblioteconomia para atuar diretamente nas escolas, tendo um bibliotecário em cada uma das 30 coordenadorias. Hoje, em apenas duas há bibliotecário – Porto Alegre e São Leopoldo. Seriam formações mais rápidas, embora reconheça que seria necessário ainda estimular escolas e institutos a incluírem essa formação em suas grades de cursos.

Alexsander preocupa-se com a questão da formação profissional, especialmente para atender a futuras demandas, caso haja vontade política para isso. Ele lembra que são poucos os cursos de biblioteconomia no estado, apenas a UFRGS e a Universidade Federal de Rio Grande (Furg) oferecem essa formação. No início deste ano, a Universidade de Caxias do Sul (UCS) formou sua primeira turma na modalidade ensino a distância (EAD). Pelos seus cálculos, considerando-se especialmente os cursos presenciais, formam-se de 50 a 60 novos bibliotecários por ano – número ainda muito inferior ao que seria necessário caso houvesse investimento público para abrir o número de vagas necessárias para atender às redes de bibliotecas no estado. Isso pensando de forma otimista, porque, para Ana Alice Costa, aluna da UFRGS e estagiária de biblioteconomia no Sebe, sua turma colará grau no final de 2017 com apenas 15 alunos. Em nível nacional, aproximadamente, existem 42 cursos de Biblioteconomia, tanto presenciais quanto a distância, mas a distribuição nos estados é irregular.

Promovendo mudanças — “No abrigo, as crianças eram bem diferentes daquelas pra quem nós tínhamos contado história. Elas eram agressivas, reativas. Bah, incontroláveis! E as cuidadoras das crianças tentando mandar parar e sentar! Não funcionava, e a sala pegando fogo, e elas berrando... E as crianças fazendo ‘tatata’ como se tivessem atirando na gente! Começamos a contar a história e, naquele momento, um silêncio. Todo mundo ouvia e prestava atenção; queriam mais. Foi surpreendente!” O depoimento é de uma das ex-bolsistas do projeto de extensão Conta Mais, coordenado pela técnica em assuntos educacionais Carla Elisabete Cassel Silva, do Museu da UFRGS. A ação se destina a turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental de escolas públicas estaduais que não tenham biblioteca ou em que estas estejam fechadas. Envolvida com a proposta há mais de 20 anos, Carla explica de forma apaixonada que também contam histórias no Museu, recebem públicos infantis, adolescentes, adultos e grupos de terceira idade.

Quanto ao impacto positivo que o acesso ao livro pode representar na vida de uma pessoa ou de uma comunidade, Alexsander, do Conselho Regional de Biblioteconomia, comenta: “Há excesso de informação e muita desinformação na internet, mas não me lembro de nenhuma reportagem falando dos malefícios da

leitura de um livro. E as bibliotecas públicas têm um acervo de qualidade, mesmo sem o bibliotecário, mesmo aquelas instituições que oferecem poucos serviços. Bem ou mal, o acervo está à disposição da comunidade”, avalia. Para ele, essa seria uma via para que pessoas que têm uma situação econômica menos favorecida possam ter o auxílio do estado para tentar mudar sua condição de vida por meio do estudo apoiado pelos livros. “Esse é o grande papel das bibliotecas”, afirma.

De forma empírica, Roberto e sua família, que o ajuda no trabalho na biblioteca Amigos do Livro, em Taquara, realizaram uma pesquisa para conhecer a comunidade onde estão inseridos: descobriram que 38% são de grupos religiosos. Buscando outras informações, eles se depararam com dados alarmantes: em 2012, a cidade de Taquara foi considerada a 48.ª cidade mais violenta do estado, e o bairro da biblioteca foi classificado como o mais violento da cidade. Essas pesquisas serviriam para a seleção de livros a serem oferecidos para leitura na biblioteca. Resolveram, então, distribuir nas estantes de acesso mais imediato alguns exemplares do Código Penal e do Código Civil. O objetivo era que se informassem pelo teor dos volumes, pois, certamente, teriam em suas relações próximas alguém envolvido com questões legais. “Eu queria que eles tivessem onde buscar informação do que devia ser feito”, justifica. A retirada dessas obras não precisava ser anotada. Num dado momento, começaram a verificar que as estantes apresentavam uns vãos, livros teriam sido retirados sigilosamente. Eram as obras de Direito e elas começaram a ser tão procuradas que foi necessário ir atrás de mais doações para repor os exemplares levados e que não eram devolvidos. “A pessoa é de uma família que tem problema, desajustada, que se inteira pelas leis, pelo Direito”, pondera. Independentemente da cientificidade da pesquisa, o fato é que os índices de criminalidade começaram a baixar, conta Roberto.

Hora de escrever – Quando bate o desânimo, Maria do Carmo costuma buscar refúgio, lembrando-se de uma das ações desenvolvidas pelo Sebe junto às escolas da rede estadual de ensino. É a edição anual do livro Crianças e Jovens Escrevem Histórias, publicação que reúne textos de estudantes – crianças e adolescentes – e que culmina com a sessão de autógrafos que ocorre dentro das atividades da Feira do Livro de Porto Alegre. Em especial, ela recorda a importância que esse projeto assumiu para a vida de um jovem de 16 anos da escola Alberto Pasqualini, da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase). O texto do estudante foi um dos selecionados para a publicação. Durante o jantar de confraternização oferecido aos classificados, ele conheceu uma garota cujo texto também fora selecionado para o livro. Pouco tempo depois, começaram a namorar. Como a garota morava no interior, eles passaram a se corresponder com frequência. “Ele saiu das drogas e foi trabalhar em uma loja de moda jovem.” Tentando encontrar o livro onde foi publicado o texto desse rapaz, ela encontra a produção de um outro jovem, também da Fase, e começa a ler em voz alta:

Hoje preso eu paro e penso

eu podia estar com a minha família,

mas estou sem nada de harmonia

quando a minha mãe vem me visitar me dá vontade de chorar

deitado na cama eu penso na realidade,

eu pretendo mudar e voltar a estudar com muita capacidade

hoje na escola, fazendo uma redação

eu quero completar meus estudos

e andar tranquilo no mundo

sem dever nada pra ninguém

eu quero voltar a fazer o bem

Alan (nome fictício)

A biblioteca da comunidade

Sara Evelin Carvalho de Souza e Lucas Santana de Lima são frequentadores assíduos da Biblioteca Comunitária Chocolate, na zona norte de Porto Alegre. Ambos têm 12 anos de idade e desde 2016 ajudam na contação de histórias para os alunos da creche que fica na vizinhança. Eles também ajudam em outras atividades de incentivo à leitura desenvolvidas pela educadora Rafaela Siqueira, com a orientação da bibliotecária da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, Camila Schoffen Tressino.

Lucas é um menino de aparência tranquila, fala de forma suave e a cada pergunta sabe exatamente o que dizer. Quando morava mais para baixo, na rua que chega à biblioteca para quem está entrando no bairro, ficava curioso para saber que lugar era aquele com a fachada colorida e de porta sempre aberta. Só quando mudou para mais próximo é que arranhou um jeito de entrar e descobrir o que as crianças iam fazer ali. Ele conta que sempre gostou de ler e que a partir daquele primeiro contato passou a visitar a biblioteca com frequência, seja para ler, seja para retirar livros ou participar de atividades, como ouvir histórias e desenhar. Nessa época, ele estudava no turno da manhã, mas já no início da tarde, quando reabria a biblioteca, era um dos primeiros a entrar.

Sara lembra que quando começou a frequentar a biblioteca o lugar não era bem como é hoje. As paredes ainda tinham a cor do cimento, bem diferente de como é agora, tudo pintado com cores vivas. Um varal de fotos penduradas recentemente mostra a trajetória da criação da biblioteca desde sua sede original, na Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, ao lado dos prédios da Justiça Federal, onde permaneceu por cerca de 20 anos. Em 2011, por uma ação da prefeitura, as famílias foram transferidas para um residencial construído no final da avenida Protásio Alves, na zona norte. A demanda da biblioteca partiu da comunidade; a ONG Cirandar ajudou na concepção do espaço, na formação do acervo de livros, assim como na contratação

da educadora social que realiza atividades junto a crianças e jovens da comunidade.

Diferentemente de Lucas, que descobriu a biblioteca sozinho, Sara foi trazida pela mãe, que desejava conhecer como funcionava o atendimento às crianças. De imediato Sara ficou encantada com tantos livros e passou a voltar todas as tardes; sempre ficava até acabar de ler um livro ou até que fosse a hora de fechar. Atualmente, ela prefere retirar as obras e levar para ler em casa. Rafaela diz que, em 2015, quando fizeram um levantamento, Sara havia levado mais de 200 livros. Agora que já não lê mais obras infantis, mas outras mais volumosas, voltadas para o público adolescente, as coisas mudaram: “Leva só uns 100”, ri ao comentar, brincando com a garota.

Exceto pelo pai, que costuma ler o *Diário Gaúcho*, ninguém mais na família de Sara tem o hábito de ler. Todos os dias, quando chega da escola, ela vai para o quarto e começa a ler, e só sai quando a mãe chama para o jantar. Sobre o livro que mais gostou, a resposta é sempre imediata: *A Falsa Princesa*, de Eilis O’Neal. A obra traz a história da princesa e herdeira do trono de Thorvaldor, Nalia, que, logo após seu aniversário de dezesseis anos, descobre que foi colocada no lugar da verdadeira princesa para protegê-la. “Obrigada a deixar o palácio com pouco mais do que suas roupas, a garota, agora chamada de Sinda, terá de abandonar a cidade, seu melhor amigo, Kiernan, e a única vida que ela conhecia”, diz uma das tantas sinopses na internet que falam desse livro que é um verdadeiro best-seller entre leitores jovens.

Sentado ao lado da amiga, Lucas diz que não tem tempo de ler em casa. Além de cuidar do irmão menor, também ajuda a mãe nas tarefas domésticas. Titubeia ao dizer qual é seu livro predileto. *‘A Família Pântano’*, sugere a educadora. Ao que ele assente: “É isso aí!”. Os integrantes da família pântano são bruxos e magos e não nascem da mesma forma que pessoas normais. “Nerlin e Mordona são casados.

Juntos têm sete filhos, e todos foram extraordinariamente gerados em laboratório por meio de bruxaria”, conta outro resumo da internet.

Entre os frequentadores da biblioteca comunitária Chocolate existe um grupo de adolescentes que gosta de escrever. Lucas é um deles. Ao explicar a importância da biblioteca para a sua produção de escrita, ele diz que de cada livro seleciona algumas palavras para depois compor seus poemas. Arrisco perguntar se ele pretende seguir escrevendo até, quem sabe, profissionalmente. Antes mesmo que eu termine de fazer a pergunta, ele responde que deseja escrever histórias no computador, mas antes precisa mandar o PC para o conserto.

Sherolaine Siqueira dos Santos faz parte de um grupo de meninas que também se reúne na biblioteca para escrever histórias. Elas estão trabalhando em um futuro livro que pretendem publicar: nele, contam a experiência de viver a festa de 15 anos. Diferente de Lucas e de Sara, ela viveu a época turbulenta da transferência da Vila, por isso Rafaela pediu a ela que escrevesse um texto para ser lido no dia em que comemoraram o aniversário da biblioteca:

“Uma pequena garota em uma vila. Casas de madeira, chão de areia, lixão, incêndio, enchentes. Pessoas unidas. Com a sua família ela puxava carrinho, catava e reciclava. Tudo muito humilde. Um dia tudo mudou, bairro novo, casa nova, pessoas novas. Foi uma grande surpresa, agora as casas são de material, o chão é de asfalto, não tem mais incêndios, nem enchentes, nem lixão. Tem um galpão de reciclagem, uma creche e uma biblioteca. Continua sendo humilde, e a maioria das pessoas não são mais unidas como era antes. Sob seus próprios olhos, ela viu muita coisa mudar. O tempo passou, e ela cresceu. Ela sabe que, se nada tivesse acontecido como foi, nada seria o mesmo. Não tem nada pra se arrepender, tudo mudou para melhor” (Sherow).



Sara Evelin Carvalho de Souza e Lucas Santana de Lima são frequentadores assíduos da biblioteca da Chocolate